

O FENÔMENO VIOLÊNCIA INFANTO-JUVENIL NA PERSPECTIVA DA ENFERMAGEM: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

Alinne Almeida Sousa¹

Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil

CEP: 74605-080

alinea.sousa@hotmail.com

Marcelo Medeiros²

Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO, Brasil

CEP: 74605-080

marcelo@fen.ufg.br

PALAVRAS-CHAVE: Violência; infanto-juvenis; enfermagem; escola; família; maus-tratos; criança; adolescentes.

1. INTRODUÇÃO

A violência é um dos grandes problemas sociais da atualidade que permeia a humanidade. Desde os primórdios não se conhece nenhuma sociedade em que a violência não tenha um cenário. Pelo contrário, o desenvolvimento social tem a capacidade de trazer a tona os problemas mais latentes e vitais do ser humano (MINAYO, 1994). Por isso, existe uma preocupação em entender o fenômeno violência, sua natureza, suas origens e meios apropriados, a fim de preveni-la, atenuá-la e eliminá-la da convivência social (MINAYO, 1994). Assim, a violência permeia os mais variados campos de estudo; logo, tem sido um território estratégico para a consecução de discursos na contemporaneidade.

O campo de estudos da violência “ocupa um lugar central na luta pela posse do presente, pela compreensão da experiência contemporânea, com seus mundos marginais, a sua dimensão episódica e fragmentária, um tempo marcado pela diferença, pela falta de finalidade das formações sociais” (Rifiotis, 2006, p. 01). Ainda que ela seja um problema que remonta aos primórdios da humanidade, como atestam os mitos (PASAVENTO, 2006; MINAYO, 1994), no tempo presente ela parece ter um caráter inédito (GALHEIGO, 2008). Mais do que

¹ Acadêmica de enfermagem da Universidade Federal de Goiás (UFG/FEN): Rua 227, Qd 68 s/n (FEN/UFG); Setor Leste Universitário; CEP 74605-080, Goiânia, GO, Brasil. alinea.sousa@hotmail.com

² Enfermeiro. Doutor em Enfermagem. Professor Associado da Faculdade de Enfermagem, Universidade Federal de Goiás (UFG/FEN): Rua 227, Qd 68 s/n (FEN/UFG); Setor Leste Universitário; CEP 74605-080, Goiânia, GO, Brasil. marcelofen@gmail.com (orientador)

em qualquer outra época, a sua difusão e normatização e a percepção de sua ‘anormalidade’, marcam o tempo coevo. Segundo Ianni (2004):

A violência tem sido vista como uma anomalia, brutalidade, destruição, assassinato, desastre, catástrofe. Atinge inocente: pessoas, coisas e idéias, sentimentos e ilusões. Nega princípios morais prevaletentes na sociedade em que ocorre. Agride valores universais que norteiam os trabalhos e os dias de uns e outros. Ocorre na sociedade nacional e na sociedade mundial, no primeiro, segundo, terceiro e quarto mundos, sem aviso prévio, sem que uns e outros possam defender-se, esconder-se, fugir; mutilados, desaparecidos, morto sem sepultura. (IANNI, 2004, p. 214)

A problemática da violência fora crescente, especialmente em relação às crianças, adolescentes e jovens desde a penúltima década do século XX, atesta o relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) de 2006. Segundo este mesmo relatório, mais de 1/4 de milhão de crianças presenciam atos de violência na família por ano. Mais de 120 milhões sofreram mutilações genitais no ano pesquisado (G1, 2006)

Em 2003 a Comissão on Human Security (CHS) da ONU apresentou um relatório da comissão de segurança humana, fundamentando que o conceito de segurança humana deve estar centrado no desenvolvimento do ser humano, abrangendo para todos os cidadãos e seu cotidiano, seja nas vias públicas, no trabalho, no lazer ou no lar (CHS, 2003). Segundo Liberal et. al (2005) o Estado é o principal responsável em proporcionar e manter a segurança, porém a partir do momento em que a falta de segurança se torna exorbitante, novos atores passam a dominar esta questão, destes destacam a saúde e a educação.

Buscando por uma compreensão do fenômeno da violência infanto-juvenil, no âmbito da saúde um dos campos de investigação tem sido o ambiente escolar, o qual tem sido apontado como um local onde a violência doméstica se reflete. Santos e Ferriani (2007) e Cunha, Assis e Pacheco (2005) demonstram que existe uma relação estreita entre a violência familiar e a escolar. Neste sentido, em que as implicações do problema envolvem o indivíduo na totalidade, é evidente a influência da violência na saúde dele. Assim a ação do enfermeiro é de vital importância para diagnosticar a violência infanto-juvenil. Nesse contexto, o processo de detecção, de diagnóstico perpassa e assume um lugar de significação fundamental para a verificação do problema.

Cunha, Assis & Pacheco (2005) apontam que tanto publicações científicas nacionais como internacionais, especializadas, indicam que o diagnóstico é fundamental para a verificação da problemática e para a execução do processo de enfermagem (atendimento) a criança e adolescente vítimas de violência. Nesse processo é necessário definir o que se entende por violência. Segundo os mesmos autores é definida como “um problema complexo,

multifatorial e que afeta a saúde individual e coletiva” (CUNHA, ASSIS & PACHECO, 2005, p. 464).

Diante disso entendemos que as multifaces da violência podem variar conforme os condicionantes locais como apontam Njaine & Minayo (2003). Porém, delimitamos como objetivo para este estudo analisar a literatura científica sobre a questão da violência no âmbito familiar e escolar de infanto-juvenis sob o foco da Enfermagem.

2. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida nos moldes de uma revisão integrativa, a qual, segundo Mendes, Silveira & Galvão (2008) deve ser organizada obedecendo a uma seqüência de seis passos que incluem: a) identificação do tema ou questão norteadora da pesquisa; b) estabelecimento de critérios de inclusão e exclusão da busca na literatura; c) definição das informações a serem extraídas dos estudos selecionados; d) avaliação dos estudos incluídos na revisão; e) interpretação dos resultados; e f) apresentação da revisão/síntese do conhecimento.

As questões que nortearam a pesquisa foram: 1) Como a violência, em suas diversas faces, se propaga aos infanto-juvenis no meio escolar; e 2) Qual a relação da enfermagem perante o problema. Posteriormente, buscou-se por textos indexados na base “Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), indexada na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A etapa de coleta de dados ocorreu no período de novembro a dezembro de 2010. Os critérios de inclusão adotados foram: ser artigo original, estar disponível na íntegra online, apresentar-se em português, inglês ou espanhol, trazer em seu conteúdo alguma forma de discussão em torno da violência no ambiente escolar e a relação da enfermagem perante a questão e, finalmente, estar delimitado a um recorte temporal entre o ano de 2000 e 2009.

No processo da coleta dos dados foram considerados descritores controlados e palavras chaves combinadas, obtendo assim um resultado mais efetivo. Foram realizadas 15 buscas, porém desconsiderando as que não obtiveram resultado algum de artigos ou apenas artigos repetidos, restaram seis buscas, para estas foram utilizadas as seguintes combinações: “Enfermagem” and “Violência” and “Escola” (busca 1, encontrou-se 5 artigos); “Enfermagem” and “violência” and “família” (busca 2, encontrou-se 14 artigos); “Violência na família” and “Criança” and “Enfermagem” (busca 5, encontrou-se 9 artigos); “Violência” and “Adolescentes” and “Enfermagem” (busca 9, encontrou-se 6 artigos); “Enfermagem” and

“Criança” and “Escola” (busca 13, encontrou-se 5 artigos); “Violência” and “Criança” and “Escola” (busca 15, encontrou-se 11 artigos).

Foi encontrado o total de 50 artigos cuja leitura do título e resumo se mostrou adequada aos critérios definidos e se aproximava do objetivo desta investigação. No entanto, uma leitura posterior, indicou que 24 artigos se encaixavam integralmente aos critérios de inclusão.

Embora tendo a clareza de que esta pesquisa não contempla todas as publicações brasileiras e internacionais sobre a temática, a análise dos textos selecionados nacionais e internacionais possibilitou traçar um panorama extensivo da temática e mapear o estado das publicações científicas a respeito da violência infanto-juvenil no ambiente escolar, a partir de quê e como esta violência se manifesta neste cenário e qual o envolvimento da enfermagem nesta questão.

Aos 24 artigos selecionados foram submetidos a uma análise descritiva e crítica, por meio de um protocolo específico (Anexo 1) que, devido a sua organização, permitiu uma avaliação detalhada da produção e de aspectos de interesse da pesquisa.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a leitura analítica dos artigos selecionados e guiados pelo instrumento de coleta, os resultados foram classificados de modo a indicar o tipo de instrumento de avaliação utilizado, e a abordagem feita pelos pesquisadores no processo de avaliação. A apresentação e a discussão desses resultados são apresentadas de acordo com três aspectos que seguem.

3.1. Caracterização da produção de conhecimento acerca da violência infanto-juvenil no ambiente escolar e a atenção da Enfermagem

Encontrou-se um total de 24 artigos, sendo 22 (91,67%) nacionais e 02 (8,34%) internacionais. Constatou-se a predominância de publicações nacionais, destes periódicos sua maioria foi publicada em São Paulo (08), seguido do Rio de Janeiro (05), Ceará (02), Paraná (02), Rio Grande do Sul (02), Santa Catarina (01), Goiás (01) e Bahia (01). As publicações internacionais tiveram como origem Bogotá (01) e o Chile (01).

Quanto à metodologia adotada nas publicações a respeito da classificação dos instrumentos de coleta de dados usados, a primeira diferenciação ocorreu entre instrumentos

de caráter qualitativo com 14 artigos (58,33%) e quantitativo com 10 artigos (41,66%). Foi possível observar esta diferenciação pela descrição metodológica de cada artigo.

Com relação à distribuição da frequência das publicações científicas, nos últimos 10 anos, e a partir da análise pelo instrumento utilizado foi possível um mapeamento, de acordo com os periódicos que foram encontrados, com o intuito de mostrar como esses estão disponíveis na literatura especializada.

No Quadro 1 observa-se uma expansão do número de publicações no ano de 2005, sendo os 7 artigos publicados nacionais. Concentra-se a segunda maior parte das publicações no ano de 2009 com 5 artigos nacionais e 1 artigo internacional. Nos anos 2000, 2002, 2003, 2004 e 2007 não houve artigos publicados.

O quadro acima também mostra que as revistas Gaucha de Enfermagem, Ciência & Saúde Coletiva, Rede de Enfermagem do Nordeste (RENE) e Acta Paulista de Enfermagem, foram os periódicos com maior quantidade de publicações nos últimos 10 anos, cada um com 2 artigos publicados, compondo 33,33% das publicações totais. A Acta Paulista de Enfermagem destaca-se como pioneira das publicações desta temática, gerando sua primeira publicação em 2001.

Quanto à procedência e distribuição dos autores dos artigos por região no Brasil, observou-se que num total de 92,85% de autores brasileiros os que mais publicaram sobre a temática foram da região sudeste com 48,80%, seguido por autores da região nordeste com 22,61%, autores da região sul estão em 19% e da região do centro-oeste é representado por 2,38%. Para o preenchimento deste item foi analisado e considerado a relação nominal dos autores e as informações constantes nas notas de rodapé apresentadas em cada artigo.

Diferentemente do estudo de Assis & Constantino (2003), em que no total de 105 trabalhos encontrou apenas 7 artigos de enfermeiros, este estudo realizado da análise de 24 artigos apenas 9 não são de cunho de enfermeiros, porém de outros profissionais da saúde, educação e filosofia.

A análise dos artigos possibilitou a criação de dois núcleos temáticos principais: a) o ambiente escolar e a identificação da violência entre crianças e adolescentes, enfatizado por 10 artigos (43,47%); e b) a atuação da enfermagem promovendo saúde e prevenindo agravos a infante-juvenis vítimas de violência, enfocado por 11 artigos (45,83%).

Quadro 1. Relação dos artigos incluídos no estudo de acordo com o periódico e ano de publicação. Goiânia, 2011.

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	TOTAL
Rev. Gaúcha de Enf.						1					1	2
Ciência e Saúde Coletiva										1	1	2
Rev. Eletrônica de Enf.							1					1
Texto e contexto Enf.						1						1
Rev. RENE										1	1	2
Esc. Anna Nery Ver. Enf.											1	1
Acta. Paul. Enf.		1								1		2
Rev. Latinoam. de Enf.							1					1
Rev. Brasileira de Enf.						1						1
Ciênc. Cuid. e Súde.						1						1
Ciencia y Enfer.									1			1
Cogitare Enf.						1						1
Rev. Latinoam. Cienc. Soc. Niñez										1		1
ABRAPEE									1			1
Psico-USF										1		1
Saúde Soc. SP.										1		1
Rev. Paulista de Pediatria									1			1
Estudos de Psic.									1			1
Jornal de Pediatria						1						1
Psic. em Estudo						1						1
TOTAL	0	1	0	0	0	7	2	0	4	6	4	

3.2. Importância do ambiente escolar na identificação da violência infanto-juvenil

Consta-se nos artigos que o ambiente escolar é prioritário na identificação da violência que acomete crianças, adolescentes e até mesmo jovens estudantes, pois é este o ambiente em que o aluno passará grande parte de seu tempo, estimado em 4 horas diárias quando esta escola não é integral, facilitando a detecção da violência principalmente para educadores, sendo estes os que dedicam maior quantidade de tempo em frente aos infanto-juvenis, segundo também retratam Inoue & Ristum (2008). Nesta mesma direção, Brino & Williams (2003) também concordam que o lugar ideal para a detecção e intervenção nos casos de violência seria a escola, principalmente quando o agressor se encontra no meio familiar.

Importante destacar que entre os artigos pesquisados os demais ambientes em que realizaram a identificação da violência foram: programa de apoio, referido por 1 artigo (4,34%); hospital, relatado por 1 artigo (4,34%); e os demais 12 artigos (50%) não identificam o local em que ocorreu a detecção da violência.

Os resultados indicam que o ambiente em que ocorre a violência infanto-juvenil é prioritariamente doméstico e intrafamiliar, retratados em 11 artigos (45,83%); 7 artigos (29,16%) relatam o ambiente em que ocorre a violência sendo nas escolas (públicas, privadas e conveniadas); 4 artigos (16,67%) referem a ocorrência da violência intra, extrafamiliar e nas escolas; e apenas 2 artigos (8,33%) não constata o ambiente em que ocorre a violência, mas a capacitação e formação de profissionais da enfermagem para lidar com a problemática.

As publicações abordaram isoladamente ou associados diferentes modalidades de violência que ocorrem nos variados ambientes já analisados. Dentre os tipos de violência que crianças e adolescentes sofrem, a violência sexual é citada por mais vezes em 4 artigos 22,22%, física por 3 vezes 16,66%, psicológica por 2 vezes 11,11%, omissão por 3 vezes 16,66%, negligência por 2 vezes 11,11%, emocional por 1 vez 5,55%, verbal por 1 vez 5,55%, moral por 1 vez 5,55% e bullying também é citado por 1 vez 5,55%.

Como evidenciado neste estudo o ambiente em que pertence o maior percentual de ocorrência da violência é o familiar, ou doméstico. Segundo Lisboa et al. (2002) crianças e adolescentes que vivenciam a violência, como vítimas ou testemunhas, no ambiente domiciliar desenvolvem estratégias agressivas para lidar com possíveis eventualidades, podendo então desenvolver ações agressivas no ambiente escolar, sendo esta violência um reflexo. De mesma forma Joly et al. (2009) em seu estudo confirmou que crianças com comportamento agressivo aprendido em casa tornam-se também agressivas na escola.

Entre os artigos analisados 18 não identificam a faixa-etária das crianças e adolescentes, configurando 75% do total. Três artigos 12,5% demonstram estudos com infanto-juvenis de 10 a 18 anos, dois artigos 8,33% estudaram a violência com crianças e adolescentes até 12 anos e um artigo 4,16% tem seu estudo com crianças e adolescentes de 8 a 12 anos.

Os dados obtidos nas publicações que discutem a respeito do sexo das vítimas de violência foram: 3 artigos 12,5% relatam a violência predominantemente contra crianças do sexo masculino, 2 artigos 8,33% contra crianças do sexo feminino, e 19 artigos 79,16% não identifica o sexo predominante das vítimas.

As crianças e adolescentes vítimas de violência acabam sendo rejeitadas ou hostilizadas por seus colegas e educadores, por possuírem atitudes agressivas ou diferenciadas. Assim, segundo Lisboa et al. (2002), geram nestes indivíduos uma carga maior de estresse afetando as relações sociais e o processo de aprendizagem, além de diminuir a probabilidade de revelação da violência sofrida pelo aluno. Relatam Cid *et al.* (2008) que a agressão e violência entre os estudantes é um problema de saúde na comunidade escolar, atualmente crescente de tal intensidade que provoca incidentes negativos, como dificuldade no aprendizado e até abandono escolar.

A escola é um local privilegiado, pois atua no processo coletivo, contínuo e permanente de formação do indivíduo, trabalhando com conhecimento, valores, atitudes e formação de hábitos (MONTEIRO SILVA, 1995). Deste modo, o sistema escolar deve se comprometer com a garantia dos direitos da criança e adolescente, representando uma alternativa de apoio, proteção e prevenção (BELAND, 1996), principalmente para os que não encontram no meio familiar.

3.3 O enfermeiro e a atenção a infanto-juvenis vítimas de violência

O que mais se destacou entre as publicações foi referente à atuação do enfermeiro. Em 11 artigos mostra-se o enfermeiro promovendo saúde e prevenindo agravos da violência e maus-tratos entre crianças e adolescentes em fase escolar. Em 3 artigos são relatadas a promoção da saúde e educação continuada entre professores, diretores e pais, educando a respeito da violência incidindo em infanto-juvenis, de como realizar a identificação e proceder perante estes caso. Em 4 artigos se discute a importância da capacitação do profissional (educadores e profissionais da saúde) a respeito da violência. Em 6 artigos são

demonstrados a atuação do enfermeiro perante a violência com crianças e adolescentes mesmo, porém não relatando sobre a promoção da saúde ou capacitação do profissional. Assim 75% dos artigos trabalhados têm o enfermeiro como profissional atuante na problemática da violência. Os 24 artigos analisados neste trabalho utilizaram de instrumentos para suas respectivas avaliações do caráter da violência e/ou atuação dos profissionais perante a questão, na promoção e educação em saúde (Quadro 2).

Quadro 2. Tipos de instrumentos referidos nos artigos analisados para a prevenção e promoção da saúde frente à violência que acometem infanto-juvenis.

Tipo de instrumento	Quantidade (números)	Porcentagem %
Entrevistas	6	25%
Pesquisa	6	25%
Pesquisa e entrevistas	5	20,83%
Escala de agressividade	1	4,17%
Escala de percepção do professor + entrevista	1	4,17%
Registro de informações	1	4,17%
Dinâmicas com as crianças/ jogos	2	8,33%
Genograma e ecomapa	1	4,17%
Brinquedo terapêutico	1	4,17%
TOTAL	24	100%

Ainda que o cuidado a vítima da violência deva ser multidisciplinar, a enfermagem ocupa um lugar proeminente neste processo. Visto que a atenção prestada especificamente pela enfermagem é de foco direto e de caráter integral. (CUNHA, ASSIS & PACHECO, 2005). A qualificação do enfermeiro e sua capacitação para o enfrentamento de maus-tratos e violência às crianças e adolescentes, embora tenha sido um tema menos abordado nos artigos analisados, sua relevância é fundamental nesta luta. Entre os artigos selecionados 4 (16,66%) referem ao enfermeiro como não qualificado, ou precisando de preparação específica na

academia para atuação frente a violência. Portanto deve-se haver segundo Algeri, S. (2005) um comprometimento das instituições formadoras deste profissional.

No artigo de Schwanck et al. (2005), foi observado por um estudo realizado com formandos em enfermagem, que metade dos entrevistados não se sentem qualificados para atuação em situações de violência contra crianças e adolescentes, pois segundo os acadêmicos os conteúdos são insuficientes. Granville-Garcia et al. (2009), em sua pesquisa consta que educadores não se sentem preparados para lidar com a violência almejando receber capacitação. Nunes et al. (2009), relata a dificuldade que diversos profissionais encontram em delimitar o problema, por falta de recursos e amparo das instituições, além da desarticulação da rede de serviço, tornando o processo lento e sem grandes resultados. Considerando tais aspectos, pressupõe-se que é de competência da universidade formar profissionais com conhecimento e aptos para agir com eficácia quando diante da problemática da violência (ALGERI, S, 2005).

4. CONCLUSÃO

Diante os resultados encontrados, foi possível caracterizar as publicações científicas e afirmar que a temática ganhou relevância a partir de 2005. A maior parte dos artigos nesta base de dados é de origem brasileira e neste aspecto a maioria dos autores provenientes da região sudeste (48,80%). As publicações são predominantemente qualitativas (58.33%).

Os textos apontam que a violência acomete crianças e adolescentes em sua maioria do sexo masculino com idades variáveis, prioritariamente no ambiente doméstico, intrafamiliar, e esta é detectada primordialmente no meio escolar, sendo que o profissional da educação é o de maior contato com o indivíduo violentado, facilitando para este a identificação da violência.

Mesmo sendo um universo multidisciplinar, os resultados mostram a importância da atuação da enfermagem no enfrentamento da violência, e ao mesmo tempo, demonstram o envolvimento dos profissionais da enfermagem na exploração da questão da violência, uma vez que a maioria das publicações é desta área. Porém o estudo permite observar que, considerando a abrangência multidimensional da temática, maiores investimentos e capacitação/atualização dos profissionais da área de Saúde e de Enfermagem, bem como da área de Educação, são necessários para que tenham condições técnicas e científicas de promover ações visando a prevenção da violência contra a criança e o adolescente.

5. REFERÊNCIAS

ALGERI, S. A violência infantil na perspectiva do enfermeiro: uma questão de saúde e educação. **Rev Gaúcha Enferm**, v. 26, n. 03, p. 308-315, 2005.

ASSIS, S G; CONSTANTINO P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90 In: MINAYO, M C S; SOUZA, E R (org). **Violência sob o olhar da Saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro (RJ): Editora FIOCRUZ, 2003. p.163-98.

BELAND, K R. A schoolwide approach to violence prevention. In HAMPTON, R. L.; JENKINS, P; GULLOTTA, T. **Issues in children's and families' lives: preventing violence in America**. London: Sage Publications, 1996. p. 209-230.

BRINO, R F; WILLIAMS, L C A. Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. **Cadernos Pesquisa**, n. 119, p. 113-128. 2003.

CHS – Commission on Human Security. [Internet] Organização das Nações Unidas [Acesso em 10/06/2011] **Esboço do relatório da Comissão de Segurança Humana**. 2003. Disponível em: <http://www.humansecurity-chs.org/finalreport/index.html>

CID, H P; DÍAZ, M A; PÉREZ, M V; TORRUELLA, P M; VALDERRAMA A M. Agresión y violencia em la escuela como factor de riesgo del aprendizaje escolar. **Ciencia y Enfermería**, v.14, n. 02, p. 21-30, 2008.

CUNHA J M; ASSIS S G; PACHECO S T A. A enfermagem e a atenção à criança vítima de violência familiar. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 58, n. 04, p. 462-5, 2005.

G1. Mundo. Notícias. [Internet] Central Globo de Jornalismo, Globo.com [Acesso em 10/06/2011]: **Relatório da ONU alerta sobre violência infantil no mundo**. 2006. Disponível em <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1297915-5602,00.html>

GALHEIGO, S M. Apontamentos para se pensar ações de prevenção à violência pelo setor saúde. **Saúde Soc**, v. 17, n. 3, p. 181-189, 2008.

GRANVILLE-GARCIA, A F; SOUZA, M G C; MENEZES, V A; BARBOZA, R G; CAVALCANTI, A L. Conhecimento e percepção de professores sobre maus-tratos em crianças e adolescentes. **Saúde Soc.**, v. 18, n. 01, p. 131-140, 2009.

IANNI, O. **Capitalismo, Violência e Terrorismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

INOUE, S R V; RISTUM, M. **Violência sexual**: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia*, v. 25, n. 01, p.11-21, 2008.

JOLY, M C R A, DIAS, A S, MARINI, J A S. Agressividade na família e escola. *Psico-USF*, v. 14, n. 1, p. 83-93, 2009.

LIBERAL, E F; AIRES, R T; AIRES, M T; OSÓRIO, A C. Escola Segura. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. 5, p. S155-S163, 2005.

LISBOA, C; KOLLER, S H; RIBAS, F F; BITENCOURT, K; OLIVEIRA, L; PORCIUNCULA, L P; MARCHI, R B. Estratégias de *coping* de crianças vítimas e não vítimas de violência doméstica. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, v. 15, n. 2, p. 345-362, 2002.

MENDES, K D; SILVEIRA, R C C; GALVAO, C M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e enfermagem. *Texto & Contexto Enf.* V. 1, n. 4, p. 758-764, 2008

MINAYO, M C S Social Violence from a Public Health Perspective. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10 (supplement 1): 07-18, 1994.

MONTEIRO SILVA, A M. A violência na escola: a percepção dos alunos e professores. *Série Idéias*, 28, p. 253-267. 1995.

NJAINE, K; MINAYO, M C S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. *Interface – comunicação, saúde, educação*. V.7, n.13, p. 119-34, ago 2003.

NUNES C B; SARTI C, A; OHARA C V S. Profissionais de saúde e violência intrafamiliar contra a criança e adolescente. *Acta Paul Enferm*, v. 22 (Especial – 70 anos), p. 903-8, 2009.

PESAVENTO, S J. Memória e História: as marcas da violência. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*. vol. 03, nº03, 2006.

RIFIOTIS, T. **Nos campos da violência**: diferença e positividade. LEVIS – Laboratório de Estudo das violências. CFH-UFSC: Florianópolis, 2006.

SANTOS, L E S & FERRIANI, M G C. A violência familiar no mundo da criança de creche e pré-escola. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 60, n. 5, p. 524-9, 2007.

SCHWANCK, R H; PAULETTI, G; ZORZO, J A T; GOMES, V L O. A percepção de formandos de enfermagem acerca da violência contra a criança. *Cogitare Enferm*, v. 10, n. 02, p.41-46, 2005.